A VIVÊNCIA FORMATIVA A PARTIR DE UM COMPONENTE CURRICULAR

Tatiane Cristina Possel Greter[1] tati.cris2010@gmail.com, Bolsista Capes.
Cátia Maria Nehring[2] catia@unijui.edu.br
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

PALAVRAS CHAVE: Ensino; Processo de Aprendizagem; Instituição Escolar.

INTRODUÇÃO

O presente relato constitui-se de uma reflexão sobre a experiência formativa vivenciada pela primeira autora no desenvolvimento de uma disciplina sob responsabilidade da segunda. A atividade transcorreu no primeiro semestre de 2015, com um total de quinze encontros.

A discussão das aulas se deu em torno da problematização do entendimento da Instituição Escolar, principalmente a escola de educação básica, focando no entendimento do papel dessa instituição, na função de diferentes instituições que impactam no seu fazer. As tensões, complementariedades da pedagogia e didática, os saberes e conhecimentos inerentes a esta instituição e o papel dos professores e os saberes necessários à profissão.

Baseado nas aprendizagens da disciplina esta escrita se propõe a fazer uma reflexão crítica a respeito da relação entre didática e pedagogia a partir da transposição didática, buscando explicitar o que é o processo de ensinar para que alguém aprenda.

METODOLOGIA

Para a construção do artigo, foram feitas observações e reflexões a partir de leituras de autores que estudam, pesquisam e refletem sobre a temática proposta para discussão e que levantam discussões pertinentes, assim como facilitam as observações esperadas.

Para isso, utilizamos a leitura de referencias teóricos que foram indicados pela professora, assim como a exposição teórica de seminários, discussões em sala de aula e a escrita de memórias. Estas memórias foram organizadas considerando cada um dos temas abordados em aula e que tinham por intenção fazer a articulação das reflexões

que iam sendo desenvolvidas a cada leitura proposta, contando com as problematizações da professora e intervenções dos estudantes ao longo de todas as aulas e atividades.

RESULTADOS

Partindo das leituras de autores propostos na disciplina que estudam, pesquisam e refletem sobre a temática, das discussões e reflexões abordadas, e principalmente pela produção e escrita das memórias reflexivas, podemos construir uma posição mais esclarecida e consciente do processo de construção do conhecimento e efetivação da aprendizagem, visto que a disciplina conseguiu levantar muitas questões relativas a educação e a seus profissionais.

Uma destas questões e que propomos discutir, refletir e dialogar neste artigo é a questão de como ocorre o processo de ensinar e aprender, uma vez que perpassa por inúmeros fatores, desde pensar o processo em si até mesmo os sujeitos integrantes deste. Para Conne (1996) a relação professor – aluno só ocorre quando o objeto de saber está implicado.

Compartilhando desta mesma ideia, Gauthier e Martineau (2001) sugerem o triângulo didático – pedagógico; que por sua vez expressa uma relação professor – aluno que pode ser visto como um quadrado, em que tem-se professor, saber e grupo de alunos como parte de cada vértice constitutivo deste triângulo. Isso porque ao longo da história, mudou-se o trabalho do professor em sala de aula, onde não cabe mais ensinar no singular, mas sim ensinar no coletivo; por isso o triângulo deve ser visto como um quadrado em que a relação do saber e do professor não perpassa somente por um ângulo, mas sim por vários, visto que tem vários alunos no espaço da sala de aula.

Ainda para Gauthier e Martineau (2001), a relação entre professor, grupo de alunos e saber vão possuir elementos tanto da didática quanto da pedagogia. Mesmo que estas deem importância diferente para o contexto da sala de aula e ocorram em tempos diferentes; ambas buscam produzir saberes para compreender as práticas de ensino e da aprendizagem.

A pedagogia depende do ambiente de trabalho, visto que “a escola -como todo espaço de trabalho - é palco da atividade de trabalhadores responsáveis pelo cumprimento de um mandato recebido da sociedade”, chamados estes de professores que tem tarefas relacionadas ao seu ambiente de trabalho. (Gauthier e Martineau, 2001, p. 53) Ao contrário disso, para a didática o professor é visto como um especialista dos

processos de aquisição e de transmissão dos saberes a respeito de uma determinada disciplina.

A didática levanta o problema central dos saberes, dos conteúdos de ensino e de sua aprendizagem numa instituição específica. Ela busca refletir sobre apropriação do saber pelo aluno, o qual mesmo escrito no plural, é pensado no singular; uma vez que tenta-se conhecer e atender as diferentes particularidades de cada educando no trabalho da sala de aula.

Gauthier e Martineau (2001) ressaltam que isso para a pedagogia é diferente, pois o aluno é visto como um todo. Nesse sentido, para o teórico da didática, o saber é pensado, a partir da perspectiva da transposição didática, enquanto para o pedagogo, o saber não pode ser considerado na ausência da variável gestão de classe.

Conne (1996) demonstra que o ensino procede da interação dos conhecimentos de um professor com os conhecimentos de um aluno, que visa fazer assentar os conhecimentos do aluno em saberes. (Conne, 1996) A respeito desta mesma questão, Gauthier e Martineau (2001), corroboram que "os alunos não somente aprendem uns com os outros, mas sua relação com o saber será em parte determinada pela dinâmica da classe" (p. 65).

Gauthier e Martineau (2001), afirmam que o professor vai sempre pensar no grupo de alunos antes do indivíduo em si, e dessa forma "a escolha dos conteúdos, a maneira de organizá-los o momento de abordá-los etc. dependerão da própria dinâmica do grupo e do contexto de trabalho" (p. 67) Neste sentido, como é o professor quem assume todo este trabalho docente e as competências a ele pertinentes; também é ele quem dirige a sala de aula, uma vez que a gestão de classe está diretamente ligada a capacidade do professor de ensinar o conteúdo.

Leite (1997) compartilha que "um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática". (Chevallard, apud Leite, 2007, p. 43). Assim define-se transposição didática como teoria que explica o processo saber científico até o saber ensinar.

Corroborando com isso, Leite baseada em Chevallard, afirma que o professor precisa garantir a continuidade do processo de aprendizagem, lembrando que o tempo de ensino é diferente do tempo de aprendizagem. Para ele o professor "domina saber a

ensinar em um nível mais abstrato do que seria possível para o aluno atingir em um primeiro momento de estudo; além disso, o professor precisa conhecer a maneira de ensiná-lo". (Leite, 1997, p. 55)

Conne (1996), revela ainda que esse conhecimento oferecido por alguém para que alguém aprenda, coloca o aprendiz em situações que o fazem pensar os conhecimentos e reconhecer seu papel ativo sobre a situação que se depara e vice-versa. Desse modo, um conhecimento assim identificado é um saber e um conhecimento utilizável, porque permite o sujeito agir sobre a representação. Assim, "o saber é um conhecimento que controla uma situação e as suas transformações, elas próprias indutoras de conhecimentos. Em muitos casos, saber é saber colocar-se em situação de mobilizar os próprios conhecimentos para agir". (Conne, 1996, p. 238)

A temporalidade de regência da ordem do conhecimento e a dos saberes para Conne (1996), é diferenciada, pois "enquanto, há uma constituição cognitiva de invariantes operatórias, estabilização, a longo prazo, os saberes estão sempre disponíveis, isto é, são remetíveis para situações próximas". (Conne, 1996, p. 236)

A partir disso, Conne (1996) propõe uma dinâmica particular de interação dos conhecimentos, em que ao professor cabe "aproveitar judiciosamente a interação cognitiva que consegue manter com os seus alunos e a situação que ela lhe propõe, a fim de ativar o desenvolvimento dos seus conhecimentos", (p. 238) fazendo com que "esse conhecimento que se desenvolve e esses saberes que dele se destacam assumam a forma de saberes constituídos que ele tem que ensinar!" (p. 238)

Para Conne (1996), o conhecimento nem sempre é transmissível, mas o saber sim; pois a utilidade deste é transformar as situações. Desta maneira, a transposição de saber ou utilização do conhecimento, ocorre "quando um saber transferido de uma situação para a outra conserva, relativamente a este novo quadro situacional, o seu caráter de saber (isto é, o seu caráter reconhecido de transformador da situação)". (p. 240)

Muitas são as questões que se entrelaçam nesta discussão sendo que este processo de ensinar para que alguém aprenda não é homogêneo e simplificado, mas sim amplo e complexo necessitando de mais debates e questionamentos intrínsecos ao ensino.

CONCLUSÃO

Percebemos que a relação professor – aluno só ocorre se de fato estiver presente também o objeto do saber. Assim essa relação pode ser tida como um triângulo didático – pedagógico visto como um quadrado; em função de que tal relação se dá entre um grupo de pessoas que buscam o conhecimento.

Também que didática e pedagogia ocorrem em tempos diferentes, mas que ambas são intrínsecas ao papel do professor em sala de aula, visto que não se pode ter uma construção do conhecimento sem a presença de elementos da didática - que transforma o saber em saber ensinar - e da pedagogia - que orienta a gestão da sala de aula.

Com estes estudos realizados na disciplina, foi possível compreender as instituições escolares com foco no processo de ensinar e aprender. Através da leitura dos autores pode-se confirmar a complexidade da função educadora, das escolas e de seu grupo atuante, na perspectiva de corresponder às expectativas atribuídas pela sociedade ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

BRUN, Jean (Org). Didáctica das Matemáticas. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

GAUTHIER, Clermont e MARTINEAU. Triângulo Didático-Pedagógico: o triângulo que pode ser visto como um quadrado. IN: Revista Educação nas Ciências. Ijuí: UNIJUÍ, V01, Pg. 45-77, Jan/Jun, 2001.

LEITE, Miriam Soares. Recontextualização e Transposição Didática - Introdução à leitura de Basil Bernstein e Yves Chevallard. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.